

A medicina divina em Ambrósio de Milão



André Luiz Bedito

Instituto São Paulo de Estudos Superiores, Brasil
ORCID: 0000-0003-0005-1484

Recibido: 9 de febrero de 2024; aceptado: 1 de abril de 2024

Resumo

Os gestos de cura realizados por Jesus de Nazaré durante seu ministério público resultaram em muitas abordagens no período patrístico, sobretudo no âmbito da soteriologia. No século IV, encontramos a figura de Ambrósio de Milão que, em vários de seus escritos, apresentou a dinâmica histórico-salvífica à luz de vários elementos tomados do exercício da medicina. Suas ricas metáforas proporcionam uma reflexão multifacetada da forma como Cristo opera a salvação em meio aos homens. Nesse sentido, o presente artigo abordará a medicina divina no pensamento ambrosiano sob três aspectos. Em primeiro lugar, veremos a figura do Cristo Médico, que manifesta sua bondade em favor do ser humano doente por causa do pecado. No segundo momento, veremos como Ambrósio expõe os remédios espirituais, mais especificamente, a palavra de Deus, a eucaristia e a penitência. Por fim, o artigo apresentará o enfermo diante do médico e dos remédios espirituais, cujas atitudes implicam consequências na recuperação ou não da saúde. Dessa forma, a tríade “médico-remédio-enfermo” perscrutada nos escritos ambrosianos permite uma visão mais ampla da realidade soteriológica à luz da medicina espiritual, que, em suma, apresenta o Cristo Médico que desceu dos céus trazendo o remédio da salvação para a humanidade ferida pelo pecado.

PALAVRAS-CHAVE: AMBRÓSIO DE MILÃO, SALVAÇÃO, MÉDICO, REMÉDIO, ENFERMO

Divine medicine in Ambrose of Milan

Abstract

Healing gestures made by Jesus of Nazareth during his public ministry have resulted in many approaches in the patristic period, especially in the field of soteriology. In the fourth century, we find Ambrose of Milan who, in several of his writings, presented the historical-salvific dynamic in the light of various elements taken from the practice of medicine. His rich metaphors offer a multifaceted reflection on how Christ works

salvation among men. This article examines Ambrose's concept of divine medicine from three perspectives. First, it explores the figure of Christ the Physician, who manifests his kindness in favor of human being sick because of sin. Second, it delves into Ambrose's elucidation of spiritual remedies, specifically the word of God, the eucharist and penance. Finally, the article discusses the patient's attitude towards the doctor and the spiritual treatments, whose attitudes have consequences on the recovery or non-recovery of health. In this way, the "doctor-remedy-patient" triad scrutinized in the Ambrosian writings provides a comprehensive view of the soteriological reality in the light of spiritual medicine, which, in short, presents Christ the Doctor who came down from heaven bringing the remedy of salvation to humanity wounded by sin.

KEYWORDS: AMBROSE OF MILAN, SALVATION, PHYSICIAN, MEDICATION, SICK

Introdução

No período patrístico era muito difundida a imagem do Cristo Médico, que proporcionava uma compreensão da dinâmica salvífica como um processo de cura. Sem dúvida, o título de "médico" aplicado a Jesus tem fundamento bíblico, seja em relação às palavras do próprio Cristo –diante da incredulidade de seus contemporâneos, Ele repete o provérbio "Médico, cura-te a ti mesmo" (Lc. 4: 23), sugerindo a aplicação do título de médico à sua pessoa–, seja pelas suas ações diretamente curativas. Ao longo de sua vida pública, o Salvador realizou um autêntico e concreto exercício medicinal que simboliza e conduz à salvação (Hernán Vázquez, 2018: 119-120).

Nesse sentido, a visão cristã do projeto salvífico de Deus inclui aspectos terapêuticos que a Igreja integrou em seu *ethos* litúrgico e sacramental. Os Padres da Igreja consideravam Cristo como o médico celestial que veio curar as enfermidades oriundas das consequências do pecado. O atributo *medicus* desfrutou de grande importância na Igreja primitiva devido à popularidade das metáforas médicas presentes na filosofia antiga e à valorização do exercício da medicina na sociedade greco-romana. Em relação à fé, os Padres da Igreja recorreram a representações e noções médicas do contexto da época e, assim, conseguiram realizar uma adaptação bem-sucedida dos termos e expressões à luz da perspectiva cristã (Nicolae, 2012: 15-16). Assim, a onipresença e a versatilidade da imagem médica permitiram aos Padres da Igreja, em diversos graus de profundidade, expressar as várias dimensões da economia salvífica (Fernández, 1999: 281).

Seguindo a tradição de Orígenes e dos Capadócijs, seus modelos gregos, os grandes Padres Latinos como Jerônimo, Ambrósio, Gregório Magno e Agostinho mencionam Cristo como médico e apresentam o Evangelho como uma mensagem de cura (Nicolae, 2012: 21). Contudo, no pensamento dos Padres, a afirmação "Cristo é médico" não é apenas um maneirismo verbal; é uma realidade profundamente teológica. Com efeito, em Cristo, a pessoa e a obra coincidem: o remédio e a medicina não se referem somente aos ensinamentos de Cristo, mas também à sua Pessoa (ibid.: 16).

Nos escritos de Ambrósio de Milão, o homem caído pelo pecado é, muitas vezes, comparado a alguém que precisa do médico. O autor recorre a vários exemplos da medicina para descrever a imagem da humanidade ferida. O médico que deve curar a doença espiritual não pode ser igual a outros médicos inúteis que não são capazes de trazer a salvação. Se alguém se coloca nas mãos do médico, renunciando a ser dono de si mesmo, aquele que busca a salvação se propõe a seguir a Cristo buscando o bem eterno, embora ainda vivendo nesse corpo. Nessa situação, intervém o Cristo Médico, o bom samaritano, que veio trazer a cura para todos os povos (Voprada, 2016: 377-378).

Sendo assim, chegamos ao objeto de discussão proposto no presente artigo: a medicina divina em Ambrósio de Milão. Em primeiro lugar, abordaremos a figura do Cristo Médico, aquele que veio trazer a medicina de Deus para a humanidade. Ambrósio não só comenta os textos neotestamentários relacionados ao tema, como também ressalta a importância que o *bonus medicus* por excelência tem na vida do indivíduo, sempre disposto a curar a humanidade ferida pelo pecado.

No segundo momento, abordaremos os remédios salvíficos da medicina divina, mais especificamente, a palavra de Deus, a eucaristia e a penitência. É importante recordar que o bispo de Milão também menciona a oração como remédio (*Exp. Ps. CXVIII* 19.2) e faz referências à dimensão terapêutica do batismo, sobretudo à luz da tipologia da cura de Naamã (*De sacr.* I.5.14-15; *De myst.* 3.16-18) e do paralítico (*De sacr.* II.2.3-7; *De myst.* 4.22-24). Entretanto, nós nos deteremos nos referidos três elementos por serem mais recorrentes em suas obras –que não é o caso da oração– e pela possibilidade de constante acesso a eles –que não é o caso do batismo, já que este pode ser recebido somente uma vez–.

Com efeito, se Cristo é aquele que cura os que a Ele recorrem na Igreja e é invocado em razão das doenças físicas e espirituais, nesse sentido, a liturgia e a espiritualidade também apresentam uma configuração medicinal (Lombino, 2007: 3169). Assim, veremos como Ambrósio apresenta essas realidades da vida da Igreja –a palavra de Deus, a eucaristia e a penitência– que atuam no processo de restabelecimento da saúde espiritual do cristão.

Por fim, o presente estudo desenvolve um elemento sem o qual não haveria razão de existir a medicina: o enfermo. Em diversos pontos, Ambrósio ressalta a importância da postura do doente, sobretudo em relação ao reconhecimento da necessidade da cura e à urgência em obtê-la. Assim, para o bispo de Milão, o cuidado com a saúde espiritual constitui uma preocupação recorrente na vida do seguidor de Cristo.

Vale ressaltar que a figura do “Cristo Médico” em Ambrósio de Milão já foi algumas vezes trabalhada (Bonato, 2000: 162-173; Voprada, 2016: 377-380); os remédios espirituais aparecem de modo esparsos nos estudos ambrosianos ou, às vezes, estão concentrados em um único tema, como a eucaristia (Bonato, 1998: 235-240; Voprada, 2016: 374-377) e a penitência (ibid.: 383-385). Entretanto, ainda falta uma abordagem mais focada na postura do “doente espiritual” segundo o bispo de Milão. Este estudo, portanto, visa apresentar de modo mais amplo a tríade “médico-remédio-enfermo”, proporcionando uma compreensão mais aprofundada da realidade salvífica à luz da medicina divina de acordo com o pensamento de Ambrósio.

1. A figura do Cristo Médico em Ambrósio

De acordo com Ambrósio, Cristo é o “médico perfeito” (*perfectus medicus*)¹ (*In Ps. LXIII En.* 10), que desceu dos céus trazendo a medicina da graça divina para curar todos os pecados (Bernardo, 1988: 337). A encarnação do Verbo, com efeito, é vista como o salutar remédio em condições de apagar a má influência do pecado (*In Ps. LXI En.* 4). Ao se fazer homem, Ele assumiu a fraqueza de todos e, no sacrifício da cruz, transformou as fraquezas de todos na fraqueza do seu corpo (*In Ps. XL En.* 13).

Uma das imagens mais profundas da encarnação no que se refere à soteriologia é a do Cristo como o bom samaritano, que desce à humanidade doente como um humilde médico (Nicolae, 2012: 22). Nesse sentido, segundo Ambrósio, o Cristo bom

1 A tradução das fontes para o português é do próprio autor do artigo.

samaritano vê a condição daquele homem, isto é, Adão expulso do paraíso, que, “desprovido da proteção do mandamento celeste e despojado da veste da fé” (*Exp. Luc. VII.73*)² cai escravo do pecado e, devido às lesões sofridas, estava para perecer. Mediante a encarnação, Cristo se aproximou do ferido, isto é, fez-se semelhante a nós assumindo a nossa condição e dando-nos a sua misericórdia. Ele, ainda, se serviu de muitos medicamentos, representados pela graça redentora, pela riqueza de sua palavra e pelo perdão, a fim de procurar em favor do homem ferido a cura do corpo e do espírito (*Exp. Luc. VII.73-75*). Dessa forma, “o Senhor Jesus [...] veio, de fato, para tirar o pecado do mundo, curar as nossas feridas” (*De interpel. IV.2.4*).³ Para isso, o médico vindo do céu indicou aos homens as vias da sabedoria e ofereceu a todos o remédio da salvação (*Cain et Abel II.3.11*).

A dimensão terapêutica do ministério de Jesus de Nazaré é muitas vezes utilizada por Ambrósio no intuito de abordar a cura espiritual. Por meio dos gestos de Cristo, Deus manifesta seu poder curativo, libertador e restaurador do homem não apenas em relação às doenças físicas, mas também no que se refere ao mal moral. A libertação do endemoninhado em Cafarnaum, a cura do paralítico e da sogra de Pedro, por exemplo, são sinais misteriosos e, ao mesmo tempo, eloquentes da novidade do Evangelho e da salvação de Cristo que liberta o povo judaico dos laços do demônio e a nossa carne da febre da sensualidade e dos vícios que as contagiam (Bonato, 2000: 166-167).

Em sua abordagem tipológica em função eclesiológica, Ambrósio analisa o poderio medicinal de Cristo nos episódios da filha de Jairo e da hemorroíssa, respectivamente imagens da Sinagoga e da Igreja dos pagãos. Disso, segundo Bonato (2000: 168-169), observam-se três aspectos: em primeiro lugar, o caráter repugnante da doença, pois “a Santa Igreja congregada a partir dos pagãos parecia ao cair nos delitos mais baixos” (*Exp. Luc. VI.54*);⁴ em seguida, a solícita atenção do médico celeste que “reservou um remédio de salvação aos que cressem” (*ibid.*);⁵ por fim, a imprevisibilidade da graça, primeiramente prometida a Israel, mas concedida também aos pagãos que cressem no divino médico. Com efeito, “o Verbo de Deus, vindo para os judeus, foi atraído pelos pagãos e aqueles que não tinham crido nele através da Lei, foram os primeiros a crerem em virtude da graça” (*Exp. Luc. VI.55*).⁶

Como um homem que visita os doentes ou um médico que vem curar as chagas dolorosas, Cristo apresenta seu tratamento para que a humanidade recupere a saúde e, assim, todos acorram confiantemente a Ele para receber a cura (*In Ps. XLVIII En. 2*). Durante seu ministério, em cada visita à residência de um enfermo, Cristo manifesta o seu poder restaurador. De fato, Ele “não desdenha [...] entrar nos cômodos estreitos de um pobre casebre. Ele dá ordens como Deus, faz visita como um homem” (*De vid. 10.60*).⁷

Se os episódios do Novo Testamento evidenciam, de um lado, a situação de miséria e de pecado que o homem enfrenta, por outro lado, ressaltam a benevolência do divino médico das almas que intervém para restaurar a vida e reerguer aquele que não tem mais condições de se levantar. Com efeito, tornando-se próximo de nós através da

2 Ambrósio de Milão, *Exp. Luc. VII.73: 33*: “... mandati caelestis custodia destitutus et exutus fidei vestimento...”.

3 Ambrósio de Milão, *De interpel. IV.2.4: 839*: “Dominus Iesus [...] venit enim ut peccatum mundi tolleret, vulnera nostra curaret”.

4 Ambrósio de Milão, *Exp. Luc. VI.54: 247*: “... santa Ecclesia ex gentibus congregata, quae inferiorum lapsu criminum deperibat ...”.

5 *Ibid.*: “... medicinam salutis credendis reservavit”.

6 Ambrósio de Milão, *Exp. Luc. VI.55: 247*: “... ut Dei verbum cum venisset ad Iudaeos, adscisceretur a gentibus et prius ab illis qui in lege non crederant in gratia crederetur”.

7 Ambrósio de Milão, *De vid. X.60: 294*: “... non dedignatur [...] tugurii villis penetralia angusta succedere. Quasi Deus imperat, quasi homo visitat”.

encarnação, Ele usa seus múltiplos medicamentos e, com a graça do perdão, cura o homem tanto no corpo como na alma. Assim, o Cristo Médico não apenas é indulgente para com a nossa natureza frágil e inclinada à queda, mas proporciona também uma cura completa, pois, através de sua rica misericórdia, Ele elimina as feridas profundas da alma (Bonato, 2000: 180-181).

Além da abordagem da figura do Cristo Médico nos textos neotestamentários, o bispo de Milão também se preocupa em desenvolver o papel curativo do Salvador na vida de seus ouvintes. De fato, cada pessoa é convidada a se refugiar no divino médico, a fim de curar as feridas do passado. Mesmo que alguém tenha cometido graves delitos, existe um grande médico que usa o remédio da graça para apagar os maiores pecados (*De Hel. et ieiun. 20.75*). Por isso, todos os que almejam a cura podem acorrer a Cristo, sem medo, aceitando o medicamento que Ele trouxe do Pai. Tal substância não nasce da terra, pois é preparada com extratos imortais (*De fide II.11.90*).

Ambrósio estimula seus ouvintes a não temerem as desilusões da alma, pois Cristo é a sua força; Ele cura os enfermos como um médico e robustece os fracos (*In Ps. XXXVII En. 33*). A gravidade do pecado não é desculpa para deixar de recorrer ao médico dos médicos. Se os outros me abandonam devido ao horror que sentem das minhas chagas ou por medo de se contaminarem, Cristo é aquele que cura e não se contamina porque é um Deus de salvação (*In Ps. XXXVII En. 57*). Aludindo à ressurreição de Lázaro, Ambrósio recorda que, apesar do fedor dos nossos pecados, o Senhor não nos abandona, pois Ele costuma curar um cadáver que já fede (*In Ps. XXXVII En. 58*). Como Ele exortou Marta a crer para ver a glória de Deus, assim também nós precisamos crer no Senhor “a fim de obtermos o remédio da salvação para as nossas feridas e a glória futura” (*ibid.*).⁸

A confiança do homem na cura de suas feridas resulta do projeto salvífico de Deus, que envia o Verbo para salvar a humanidade e não para perdê-la. Com efeito, o próprio “Verbo é remédio, não castigo” (*In Ps. XLV En. 4*).⁹ Sendo assim, Ambrósio exorta: “Este Verbo esteja em teu coração e em tua boca” (*ibid.*),¹⁰ em outras palavras, em toda a nossa vida. Nesse sentido, qualquer tempo e lugar são propícios para se exercer a medicina, da mesma forma como o Senhor realizou curas em vários momentos e locais no decorrer de seu ministério (*De virgt. 8.42*). A proximidade do médico divino, ainda, permite ao homem enfermo pelo pecado experimentar a mansidão de Cristo:

[...] iugum suum suave, et onus leve esse commemorat, quoniam qui desperaverit medicinam sanus esse non poterit. Et ideo omnibus grata est mansuetudo quae vulnera interiorum curat animorum. (*In Ps. XLVIII En. 1: 362*)

[O Senhor] lembra que o seu jugo é suave e o seu fardo leve, porque é impossível que se cure quem não tem nenhuma esperança na medicina. E por esse motivo, é agradável a todos a mansidão, que cura as feridas mais profundas da alma. (*In Ps. XLVIII En. 1*)

Ambrósio, ainda, mostra que Cristo conhece bem seu paciente e sabe como tratá-lo. Às feridas mais graves, Ele prescreve remédios mais fortes; às mais leves, por sua vez, os medicamentos mais suaves. Se os pecados mais graves são castigados com maior dureza, ao mesmo tempo, Ambrósio observa que o castigo favorece a cura, uma vez que o Senhor disse em Dt. 32: 39: “Ferirei e farei curar” (*Exp. Ps. CXVIII 10.2*). Assim, impelido pelo amor ao pecador, Cristo usa os remédios mais leves –como o

8 Ambrósio de Milão, *In Ps. XXXVII En. 58: 182*: “... ut de vulneribus nobis adquiramus medicinam salutis et futuram gloriam”.

9 Ambrósio de Milão, *In Ps. XLV En. 4: 332*: “... verbum medicina, non poena est”.

10 *Ibid.*: “Hoc Verbum in corde tuo, et in ore sit tuo...”.

conselho— ou, se necessário, os mais graves com o intuito de converter um pecador obstinado (*Exp. Ps. CXVIII* 7.19). Portanto, Cristo não é um médico preguiçoso, mas verdadeiramente bom e generoso que está em busca do que é benéfico para seu paciente (*Exp. Ps. CXVIII* 2.22).

Dessa maneira, diante do pecador, Cristo não apenas se apresenta como aquele que deseja curar e restaurar o ser humano, mas como o “Senhor bom”. Com efeito, a bondade do Senhor, muitas vezes, é conectada às imagens da medicina em contexto penitencial (*Exp. Ps. CXVIII* 2.22; 9.16). A experiência negativa do pecado leva o homem a perceber que a bondade do Senhor revela o seu modo divino de agir, que tem em vista a justificação. O âmbito penitencial, com efeito, é o lugar onde também se manifesta a bondade do Senhor (Voprada 2016: 380-381).

Em suma, o pensamento ambrosiano ressalta a missão terapêutica de Jesus para além de sua função reveladora e salvadora (Bonato, 2000: 173). Nesse sentido, “Cristo é tudo para nós”:

... omnia Christus est nobis. Si vulnus curare desideras, medicus est; si febris aestas, fons est; si gravaris iniquitate, iustitia est; si auxilio indiges, virtus est; si mortem times, vita est; si coelum desideras, via est; si tenebras fugis, lux est; si cibum quaeris, alimentum est. (*Virgt.* 16.99: 291)

... Cristo é tudo para nós. Se queres curar uma ferida, Ele é o médico; se ardes em febre, Ele é a fonte; se és oprimido pela iniquidade, Ele é a justiça; se precisas de ajuda, Ele é a força; se temes a morte, Ele é a vida; se desejas o céu, Ele é o caminho; se foges da escuridão, Ele é a luz; se busca nutrição, Ele é alimento. (*Virgt.* 16.99)

Em seus escritos, portanto, Ambrósio mostra que a realidade do Cristo Médico não ficou limitada à sua vida pública; ela também continua presente na vida daqueles que se dispõem a segui-lo e a aceitar o tratamento divino. Contudo, para além da pessoa do Verbo encarnado, há também os remédios por Ele deixados. Dessa forma, vejamos como o bispo de Milão os aborda.

2. Os remédios espirituais segundo Ambrósio

Na soteriologia medicinal dos Padres da Igreja, Cristo não é apenas o Médico, mas também aquele que indica os remédios, fato percebido nos termos farmacológicos utilizados. O vocabulário médico-farmacêutico aparece abundantemente na liturgia da Igreja (Lombino, 2007: 3177). Se “um bom médico indica o remédio” (*Exp. Ps. CXVIII* 7.10),¹¹ da mesma forma, Ambrósio apresenta os medicamentos deixados por Cristo à Igreja, como a palavra de Deus, a eucaristia e a penitência. Vejamos como eles se desdobram.

2.1 A palavra de Deus

O aspecto medicinal da palavra é retomado diversas vezes nos textos ambrosianos. O ponto de partida é a ideia de que a palavra não é algo abstrato ou uma verdade teórica que precisa ser descoberta, mas um dinamismo que condiciona a existência humana, levando-a a uma atitude diante de Deus (Johanny, 1956: 23.19). Ao mesmo tempo, se a palavra é um remédio, a recusa desta provoca a doença da alma. “Portanto, se o remédio da lepra é a palavra, o desprezo da palavra é, sobretudo, a lepra da alma” (*Exp. Luc.* V.5).¹²

11 Ambrósio de Milão, *Exp. Ps. CXVIII* 7.10: 282: “... bonus doctor demonstrat remedium...”.

12 Ambrósio de Milão, *Exp. Luc.* V.5: 184: “Si igitur leprae medicina verbum est, contemtus utique verbi lepra mentis est”.

O médico que desceu dos céus traz consigo o efeito restaurador da sua palavra. Ambrósio o recorda citando o Sal. 106: 20: “Enviou sua palavra e os curou e os libertou de todas as suas doenças” e, em seguida, ele implora: “Venha a tua palavra, abra os meus olhos!” (*Exp. Ps. CXVIII 3.23*)¹³ Desse pensamento emerge a perspectiva ambrosiana de que a cura divina mediante a palavra acontece sem demora. No relato da cura do cego de nascença (Jo. 9), Ambrósio afirma que o Salvador “curava os outros somente com sua palavra e discurso e devolveia a luz aos olhos por sua ordem” (*De sacr. III.2.11*).¹⁴ No episódio da cura do paralisado (Lc. 5: 17-26), o bispo de Milão retoma o mesmo ponto: “E não sobreveio demora na restauração da saúde: um só é o instante das palavras e da cura” (*Exp. Luc. V.15*).¹⁵

As feridas da alma são curadas através da palavra. O óleo medicinal consiste em um colóquio mais suave e na doçura do discurso de paz. Existem as medicações feitas tanto de palavras como dos preceitos celestes, que anulam o vírus da maldade. Com efeito, “a Lei tem laços que não provocam inflamações” (*Exp. Ps. CXVIII 21.2*)¹⁶ e “as palavras do Senhor curam os endurecimentos da ferida” (*ibid. 21.3*).¹⁷ O poder de cura da palavra divina leva Ambrósio a implorar por ela sempre que necessário: “Fala-nos, Senhor Jesus: tua palavra é remédio, tua palavra é luz, tua palavra é purificação da nossa imundície, tua palavra é uma fonte. Tu falas e a culpa é lavada” (*In Ps. XLV En. 3*).¹⁸

Ambrósio, ainda, recorre à criação para demonstrar a cura espiritual trazida pela palavra. Tal como Deus ordenou à terra que produzisse ervas saudáveis e árvores frutíferas para a saúde física, da mesma forma, Ele “encheu o conjunto das divinas Escrituras com preceitos saudáveis, aptos a curar as enfermidades da alma” (*In Ps. XXXVII En. 7*).¹⁹ Além disso, o médico divino foi enviado à humanidade para mostrar-lhe as sementes da medicina saudável do Antigo Testamento, bem como trazer-lhe as novas (*ibid.*).

O Cristo Médico é aquele que traz o remédio da palavra: “Que venha a ti o bom médico das almas, a palavra divina derrame sobre ti os ensinamentos do Senhor como remédios salutareis” (*Exam. VI.8.50*).²⁰ Ambrósio aprofunda tal princípio ao abordar os cuidados que o bom samaritano dispensa ao homem ferido:

Sermo eius medicamenta est: alius eius sermo constringit vulnera, alius oleo fouet, alius vinum infundit: constringit vulnera austeriore precepto, fovet remissione peccati, sicut vino compungit denuntiatione iudicii. (*Exp. Luc. VII.75: 34*)

Sua palavra é um remédio: um discurso seu enfaixa as feridas, outro aquece com óleo, outro derrama sobre elas o vinho. Ele enfaixa as feridas com um preceito mais austero, aquece com o perdão do pecado, faz arder com o vinho anunciando o julgamento. (*Exp. Luc. VII.75*)

13 Ambrósio de Milão, *Exp. Ps. CXVIII 3.23*: 146: “Veniat verbum tuum, aperiat oculos meos”.

14 Ambrósio de Milão, *De sacr. III.2.11*: 75: “... alios verbo tantum et sermone curabat et refundebat imperio lumen oculorum...”.

15 Ambrósio de Milão, *Exp. Luc. V.15*: 188: “Nec mora ulla sanitatis interuenit: unum dictorum remediorumque momentum est”.

16 Ambrósio de Milão, *Exp. Ps. CXVIII 21.2*: 370: “Sunt legis vincula quae non adurant...”.

17 *Ibid. 21.3*: 370: “... verbis dominicis vulneris dura curantur”.

18 Ambrósio de Milão, *In Ps. XLV En. 3*: 332: “Loquere, domine Iesu: verbum tuum medicina est, verbum tuum lumen est, verbum tuum nostrae conlusionis ablutivum est, verbum tuum fons est; tu loqueris et culpa lavatur”.

19 Ambrósio de Milão, *In Ps. XXXVII En. 7*: 141: “... praeceptis salutaribus replevit divinarum seriem scripturarum, quibus infirmitas animae sanaretur”.

20 Ambrósio de Milão, *Exameron VI.8.50*: 396: “Veniat tibi bonus animorum medicus sermo divinus, aspergat tibi oracula domini tanquam medicamenta salubria”.

O gesto do bom samaritano expressa diversas modalidades do uso medicinal da palavra: há o valor de proteção (a moralidade é austera, mas exatamente por isso é útil para a cura); há também o aspecto lenitivo, trazido pela misericórdia; enfim, há o caráter estimulante da palavra que produz o temor. Além disso, se no aspecto de “Palavra-Pessoa” –isto é, por causa do “Cristo Verbo”– a Escritura é comparada ao médico, ao mesmo tempo, esta se torna remédio ao destacar os seus efeitos na alma e os modos terapêuticos da ação (Pizzolato, 1978: 40-41). Nesse sentido, Ambrósio também afirma que “o remédio para todo cansaço e o único refúgio nas tentações são Cristo e a Escritura divina” (*De interpel.* II.4.18).²¹ A palavra de Deus, então, constitui a referência para aquele que deseja ser curado espiritualmente: “Quem quer se curar, não teme a crítica, porém não quer ser criticado na indignação, senão na palavra de Deus. A palavra de Deus é salvação. [...] Não quer ser instruído na ira, mas na doutrina” (*In Ps. XXXVII En.* 19).²²

“Dar a palavra” contribui para o alívio de graves doenças, assim como fez Paulo, a quem Ambrósio compara com o bom samaritano, que deu um valor a mais ao dono da hospedaria, a fim de cobrir os gastos necessários para o cuidado do homem ferido. Os discursos e as cartas de Paulo são como o excedente da conta recebida, de forma que ele trabalhou quase sem cessar para aliviar as pessoas de graves doenças, dispensando-lhes a sua palavra (*Exp. Luc.* VII.82).

Outro aspecto medicinal da palavra é o seu poder que transforma o impulso para o mal em uma força propulsora para o bem. Segundo Ambrósio, a concupiscência das coisas más e a cobiça são transformadas pela palavra em apetite da caridade e do amor divino, levando o seguidor de Cristo a desejar os mistérios celestes. Assim, ao saborear as realidades mais altas, o indivíduo perde o gosto das antigas práticas do homem velho (*Exp. Luc.* VII.148).

Em suma, no pensamento do bispo de Milão, a palavra de Deus é concebida como um dinamismo sempre operante, seja na história da salvação, seja na existência do indivíduo. Em meio às tentações e provações, a palavra é fonte de vida, consolação e esperança. Ao penetrar a dureza dos corações, a palavra não apenas cura as feridas, mas também faz brotar neles a caridade, a adesão a Cristo e a perseverança nele (Silva, 2021: 258).

2.2 A eucaristia

Ao abordar as fraquezas da vida cristã, Ambrósio tanto afirma que o perdão dos pecados é fruto da obra redentora de Cristo como também ressalta diversas vezes a eficácia reconciliadora do sacramento da eucaristia. Este caso, porém, aplica-se aos pecados mais leves e não aos mais graves, para os quais é necessária a penitência pública. Ao se referir à “eucaristia-remédio”, o bispo de Milão sustenta que o venerável sacramento auxilia a quem o recebe com fé convicta a superar as tentações do maligno e a própria inclinação ao pecado, bem como a alcançar uma união mais profunda com Cristo. A experiência de pecado e a consciência da própria fragilidade deveria induzir o fiel a encontrar na participação da eucaristia o remédio contra os próprios males. Nesse sentido, elimina-se toda a forma de presunção e de autossuficiência e, assim, sente-se a exigência de se aproximar do sacramento como um dom precioso e indispensável (Bonato, 1998: 236-237).

Sendo assim, em suas catequeses mistagógicas, Ambrósio insiste que os neobatizados ocorram ao altar sempre que possível, para que as feridas do pecado sejam curadas

²¹ Ambrósio de Milão, *De interpel.* II.4.18: 819: “... remedium taediorum omnium Christus et scriptura divina atque in temptationibus unum perfugium”.

²² Ambrósio de Milão, *In Ps. XXXVII En.* 19: 150: “Qui sanari vult, argui non reformidat, sed non vult argui in furore, sed in verbo dei. Verbum dei sanitas est. [...] Non vult erudiri in ira, sed in doctrina...”.

pelo remédio salutar da eucaristia. O bispo de Milão é muito claro em seu argumento: “devo recebê-lo sempre, para que perdoe sempre os meus pecados. Eu que peço sempre, devo sempre ter um remédio” (*De sacr.* IV.6.28).²³ Mais adiante, durante a catequese sobre a Oração do Senhor, Ambrósio aproveita a seção do pedido do pão cotidiano para mais uma vez insistir aos neófitos que não deixem de receber o sacramento, já que o pecado ainda os fere:

Accipe quotidie quod quotidie tibi prosit. [...] et panem istum vitae non quotidianum adsumis? Qui vulnus habet medicinam requirit. Vulnus est quia sub peccato sumus, medicina est caelestis venerabile sacramentum. (*De sacr.* V.4.25: 95-96)

Recebe a cada dia o que te é de proveito para cada dia. [...] E tu não recebes este pão da vida a cada dia? Quem tem uma ferida procura um remédio. É uma ferida por estarmos submetidos ao pecado; o remédio celeste é o venerável sacramento. (*De sacr.* V.4.25)

A relação entre a eucaristia e o “pão cotidiano” da Oração do Senhor reflete a advertência que Ambrósio faz do perigo do relaxamento dos fiéis que poderiam retardar ou descuidar da prática de receber o Corpo de Cristo. Por isso, o mistagogo apresenta as vantagens que resultam de uma assídua participação do banquete eucarístico, dentre as quais, a cura dos próprios males e a plenitude da vida. Com efeito, a eucaristia é o alimento de imortalidade, *pharmacum vitae*, enfim, o remédio celeste capaz de curar as feridas causadas pelo pecado (Bonato, 1998: 238).

Além da abordagem da eucaristia como remédio nas catequese mistagógicas, o bispo de Milão apresenta outro argumento: a importância da eucaristia recebida nos dias de jejum como o medicamento mais eficiente contra os pecados cometidos após o batismo (Voprada, 2016: 375). É o que Ambrósio indica para o seu público: “Previna também tu as armadilhas do tentador; prepara-te com antecedência para o banquete celeste! Foi indicado o jejum: evite negligenciá-lo!” (*Exp. Ps. CXVIII* 8.48)²⁴ A devida preparação para receber o remédio celeste resulta em importantes frutos para aquele que deseja cuidar da saúde espiritual. Empenhando-se desse modo, o fiel estará sempre pronto “para se alimentar do Corpo do Senhor Jesus no qual está a remissão dos pecados, a invocação da reconciliação com Deus e da proteção eterna” (*Exp. Ps. CXVIII* 8.48).²⁵

Enfim, “a eucaristia é o antídoto da morte, ela é algo vivo, ativo, pleno, ela é o próprio Cristo” (Johanny, 1965: 162). Ela é o *pharmacum vitae* do qual ninguém pode se afastar:

De hoc pane dictum est: “Omnes qui elongant se abs te, peribunt” (Ps. 72: 27). Si te elongaveris ab eo, peribis: si adpropinquaveris ad eum, vives. Hic est panis vitae: qui ergo vitam manducat, mori non potest. Quomodo enim morietur, cui cibus vita est? Quomodo deficiet, qui habuerit vitalem substantiam? Accedite ad eum, et satiamini, quia panis est”. (*Exp. Ps. CXVIII* 18.28: 266)

Deste pão foi dito: “Todos os que se afastam de ti, perecerão” (Sal. 72: 27). Se tu te afastares dele, tu perecerás. Se tu te aproximares dele, viverás. Este é o pão da vida. Portanto, aquele que come a vida não pode morrer. Como poderá morrer quem tem por alimento a vida? Como poderá desfalecer aquele que tiver a vida como sustento? Aproximai-vos dele e saciai-vos porque ele é o pão. (*Exp. Ps. CXVIII* 18.28)

²³ Ambrósio de Milão, *De sacr.* IV.6.28: 87: “... debeo illum semper accipere ut semper mihi peccata dimittat. Qui semper pecco, semper debeo habere medicinam”.

²⁴ Ambrósio de Milão, *Exp. Ps. CXVIII* 8.48: 360: “Preveni et tu insidias temptatoris, instaura prius caeleste convivium. Indictum est ieiunium: cave ne negligas...”.

²⁵ *Ibid.* 8.48: 360-362: “... ut corpus edas domini Iesu, in quo remissio est peccatorum, postulatio divinae reconciliationis et protectionis aeternae”.

No pensamento ambrosiano, a existência cristã implica inúmeros embates espirituais e, por isso, precisamos sempre nos purificar e estar em comunhão com Cristo. Assim, precisamos nos alimentar de seu Corpo, pois pecamos sempre e se nós pecamos sempre, temos de nos alimentar sempre, de ter sempre um remédio, isto é, a eucaristia (Johanny, 1956: 165).

2.3 A penitência

Na literatura ambrosiana, a penitência é um tema recorrente. Com efeito, o bispo de Milão exorta seu público a viver a existência cristã de modo pleno, apesar de cometer algum pecado após o batismo. Assim, eles podem encontrar o perdão de suas faltas especialmente através da penitência cotidiana. Nesse sentido, Ambrósio está convencido de que sua comunidade não é composta por pessoas sãs e, por isso, mesmo após o batismo, elas precisam encontrar o Cristo Médico que perdoa os pecados (Voprada 2016: 372).

Não poucas vezes, Ambrósio qualifica a penitência como um “remédio para quem peca” (*De paen.* II.6.44).²⁶ De fato, ao abordar o texto bíblico das Lamentações, o bispo de Milão afirma que o profeta Jeremias “sabia quão poderoso remédio era a penitência” (*De paen.* II.6.45)²⁷ para a Jerusalém desolada. Ao recordar, ainda, a penitência que o povo de Nínive fez para evitar a destruição da cidade (Jn. 3: 5-10), Ambrósio afirma que “tão grande é o remédio da penitência que Deus parece mudar seu julgamento” (*De paen.* II.6.48).²⁸ O bispo de Milão também alerta que a esperança de fazer penitência não pode servir de pretexto para continuar a pecar, pois ela é o remédio do pecado e não um convite para pecar (*De paen.* II.9.90). De fato, “é o remédio que é necessário para a ferida e não a ferida para o remédio” (*ibid.*).²⁹

A realidade de pecado que atravessa a existência humana move Ambrósio a estimular seu público a não retardar a busca pelo remédio da penitência. Esta, segundo o bispo de Milão, não precisa ser adiada até o fim da vida nem precisa deixá-la para um momento mais oportuno: devido a sua fragilidade, urge ao pecador a intervenção do Cristo Médico, porque está mal e ferido e não pode perder tempo (Voprada, 2016: 380). Com efeito, “se fores ferido, cuida-te, corre ao médico, procura o remédio da penitência. Fica atento a ti, porque tens uma carne que logo enfraquece” (*Exam.* VI.8.50)³⁰ Em suma, “a penitência deve ser feita não só com solicitude, mas também com prontidão” (*De paen.* II.1.2).³¹

Ambrósio oferece como modelo de penitência o rei Davi que expressou no Salmo 37 a maior intensidade da dor interior e do pranto do remorso (Piredda, 2007: 283). Este personagem bíblico é qualificado para ensinar como apagar os pecados, porque ele mesmo pecou (*In Ps. XXXVII En.* 1). No decorrer de seu comentário ao Salmo 37, Ambrósio apresenta a penitência como um remédio oferecido pelo médico que veio do céu com o objetivo de curar as feridas e não agravá-las (*In Ps. XXXVII En.* 4).

Na época de Ambrósio, para os pecados mais graves, havia a chamada “penitência canônica” ou “penitência pública”.³² Esta podia ser realizada apenas uma única vez,

26 Ambrósio de Milão, *De paen.* II.6.44: 162: “... paenitentia delinquentis remedium”.

27 *Ibid.* II.6.45: 162: “Scivit Hieremias magnum remedium esse paenitentiae...”.

28 *Ibid.* II.6.48: 164: “... tanta est enim paenitentiae medicina ut mutare videatur suam Deus sententiam”.

29 *Ibid.* II.9.90: 188: “... propter vulnus medicamentum quaeritur, non propter medicamentum vulnus desideratur”.

30 Ambrósio de Milão, *Exam.* VI.8.50: 396: “... si fueris vulneratus, adtende tibi, curre ad medicum, quare remedium paenitentiae. Adtende tibi, quia carnem habes, quae cito labitur”.

31 Ambrósio de Milão, *De paen.* II.1.2: 132: “Agenda est enim paenitentia non solum sollicite, sed etiam mature...”.

32 Em linhas gerais, os pecados mais graves eram a apostasia, o homicídio e o adultério. Segundo Vogel (2008: 4014), a penitência pública basicamente percorria as seguintes etapas: 1) entrada na penitência com a anuência do bispo, muitas vezes estimulada pela sua palavra (*corruptio*); 2) permanência na ordem dos penitentes (*ordo paenitentium*), cujo período de duração ficava a critério do bispo; 3) readmissão à comunhão eclesial realizada solenemente na Quinta-Feira Santa através da imposição das mãos do bispo perante a comunidade reunida (*reconciliatio*).

conforme ele mesmo se expressa: “Como há um só batismo, assim também há uma só penitência, ao menos aquela que se faz publicamente” (*De paen.* II.10.95).³³ Nesse contexto, o bispo agia como um cirurgião³⁴ que, embora fizesse o enfermo sofrer, no final, acabaria conduzindo-o à plena restauração da saúde. Ele, então, “como um bom médico, deve cortar fora o tumor de todo o organismo da Igreja, para que não se espalhe, e deve trazer à superfície a infecção da culpa escondida, e não protegê-la” (*Exp. Ps. CXVIII* 8.26).³⁵

Ao mesmo tempo, Ambrósio reconhecia as dificuldades da penitência pública: “Eu tenho encontrado mais facilmente quem tenha preservado a inocência, do que quem tenha feito penitência adequadamente” (*De paen.* II.10.96).³⁶ Porém, o mais importante é recorrer diariamente ao Cristo Médico que perdoa os pecados, para que a ferida do pecado não volte a se abrir. A penitência canônica não pode ser apenas externa; o penitente precisa converter-se e aprender a pedir cotidianamente o perdão, a fim de progredir na vida cristã mediante um estado permanente de penitência (Voprada 2016: 384). De fato, segundo Ambrósio, “uma ferida que não é curada segundo as regras da medicina se apressa a se reabrir; pelo contrário, o tratamento também experimenta um progresso mais lento” (*Exp. Ps. CXVIII* 4.23).³⁷

Em síntese, a penitência, por sua forte conotação de cura, encontra diversas ressonâncias na abordagem medicinal ambrosiana. Para além de um momento específico na vida do cristão –que seria o caso da penitência pública–, o bispo de Milão incentiva seus fiéis a praticá-la, sobretudo cotidianamente, devido à fraqueza da carne. Tal como a palavra e a eucaristia, o salutar remédio da penitência encontra-se à disposição do fiel que necessita da cura. “Portanto, fazer penitência é um verdadeiro remédio” (*In Ps. XXXVII En.* 4: 118.209).³⁸

Após termos examinado a figura do Cristo Médico e alguns de seus remédios salvíficos, chegamos ao terceiro tema de nosso estudo, que é justamente a razão da existência da medicina: o enfermo. Verificaremos, então, como Ambrósio aborda as atitudes desse personagem diante da oferta do medicamento salutar.

3. Diante do médico e dos remédios espirituais: a postura do enfermo

Na dinâmica da medicina, encontramos também a figura do enfermo que necessita da cura. No que se refere à realidade espiritual, se em muitos se manifesta o natural desejo da restauração da saúde, há casos em que o paciente não se dá conta da gravidade da sua doença ou, pior ainda, recusa a cura que lhe é oferecida. Em seus textos, Ambrósio apresenta exemplos bíblicos de disposição para recebê-la ou não e, com base nisso, exorta seus fiéis a não se desleixarem com o cuidado da saúde

33 Ambrósio de Milão, *De paen.* II.10.95: 192: “... sicut ‘unum baptisma; ita una paenitentia, quae tamen publice agitur...”.

34 No contexto consolatório, o sacerdote também age como um médico. Com efeito, aquele que dá o aconselhamento precisa saber fazê-lo no momento certo, assim como um médico espera o momento oportuno para interferir no mal físico (Piredda, 2007: 284). Às vezes, “o próprio silêncio é um remédio e o que se apressa a falar fere ainda mais”. Por isso, “convém que, de modo oportuno, saia de nossos lábios a palavra curável, que não pareça aumentar a dor, mas acalmá-la” (*In Ps. XXXVII En.* 42). Ambrósio de Milão, *In Ps. XXXVII En.* 42: 170: “... taciturnitas ipsa medicina est et velox in sermonibus magis vulnerat. [...] convenit ut oportune a nobis medicabilis sermo procedat, qui non accendere luctum, sed lenire videatur”.

35 Ambrósio de Milão, *Exp. Ps. CXVIII* 8.26: 336: “... vulnus, ne latius serpat, a toto corpore Ecclesiae quasi bonus medicus debet abscondere et prodero virus criminis quod latet, non fovere...”.

36 Ambrósio de Milão, *De paen.* II.10.96: 192: “Facilius autem inveni qui innocentiam servaverint, quam qui congrue egerint paenitentiam”.

37 Ambrósio de Milão, *Exp. Ps. CXVIII* 4.23: 188: “Cito enim refricatur vulnus quod sanatum medicinae lege non fuerit, immo etiam seriores curatio sentit profectum”.

38 Ambrósio de Milão, *In Ps. XXXVII En.* 4: 139: “Vera ergo medicina est gerere paenitentiam...”.

espiritual, mas que tenham bom ânimo e vontade para acolher o *bonus medicus* que traz o *remedium salutis*.

Ambrósio faz uma comparação entre o rico e o pobre Lázaro ao comentar o Sal. 37: 6 que diz: “Pútridas e fétidas são minhas chagas por causa da minha loucura”. Inclusive, o bispo de Milão estabelece o pobre como o rei Davi, consciente da gravidade de suas feridas devido ao pecado e é salvo por Cristo através da humildade. O rico, pelo contrário, representa o homem imprudente, cínico e pretensioso que, apesar de levar profundas e permanentes feridas na alma, não percebe o fedor de sua chaga e, portanto, não se dá conta de sua insensatez. Com base nessa atitude interior, determina-se a cura e o destino final de ambos: “Por isso, aquele homem rico não pode encontrar o remédio da salvação, enquanto o pobre o encontrou e assim um está nos infernos, no meio dos tormentos, e o outro no repouso” (*In Ps. XXXVII En. 30*).³⁹

O episódio da hemorroíssa é muitas vezes apresentado por Ambrósio como exemplo de alguém que incansavelmente busca a cura. Inicialmente, ele constata o imenso esforço realizado por ela até então:

Omne patrimonium suum in medicos erogaverat mulier illa evangelica, speciem habens congregationis humanae quae coibat ex gentibus, nec fluentem sanguinem et inveteratae passionis letale profluvium poterant saeculi huius medici restringere. (*Exp. Ps. CXVIII 16.37: 202*)

Aquela mulher do Evangelho tinha gasto todo o seu patrimônio em médicos (era assim a imagem de uma multidão de homens que se reunia vindo dos povos pagãos), e os médicos deste mundo não tinham sido capazes de estancar-lhe a perda de sangue e uma hemorragia mortal, que era um mal já crônico. (*Exp. Ps. CXVIII 16.37*)

Quem busca o divino médico com assiduidade, merece a cura como aquela mulher. Ao ouvir que o médico se aproximava, ela se apressou a ir ao seu encontro, dizendo: “Se tocar a orla de seu manto, serei curada” (Mt. 9: 21). Dizendo isso internamente, o Senhor a ouviu; tocou a orla do manto e do Salvador saiu uma força que curou a enferma, fortaleceu a débil, estancou a hemorragia, provou a sua fé. Como ela era a figura da *Ecclesia ex gentibus*, através desta cura, Cristo convoca todos os povos à fonte da sabedoria, prometendo-lhes a redenção para que ninguém se desespere e nem se sinta excluído. Assim, todas as almas são convidadas à graça, à remissão gratuita dos pecados e, enfim, à obtenção do fruto da vida eterna (*In Ps. XLVIII En. 2*). “De fato, ela compreendeu que não existe um médico perfeito além daquele que desceu do céu, do qual sabia que tinha sido dito: ‘Enviou sua palavra e os curou’ (Sal. 106: 20)” (*In Ps. XLIII En. 10*).⁴⁰ Dessa forma, a cura da hemorroíssa deveu-se, sobretudo, pela fé: pela fé, viu que o médico celeste havia chegado, com fé tocou as vestes de Cristo e na fé foi curada (Silva, 2020: 141).

Esse mesmo episódio, ainda, estimula o enfermo espiritual a acorrer ao Cristo com fé, sobretudo para curar os impulsos que levam ao pecado:

Et tu cum fide, filia, vel fimbriam eius atinge. Iam saecularium fluxus voluptatum, modo torrentes exundans, Verbi salutaris calore siccabitur; si cum fide tamen accedas, si pari devotione divini sermonis extremam saltem fimbriam comprehendas, si tremens procidas ante Domini pedes. (*Virgt. 16.100: 291-292*)

³⁹ Ibid. *En. 30: 159*: “Ideo dives ille remedium salutis invenire non potuit, pauper invenit; denique alter apud inferos in supplicio, alter in requie”.

⁴⁰ Ambrósio de Milão, *In Ps. XLIII En. 10: 267-268*: “Intellexit enim quod nemo perfectus medicus nisi qui descendisset e caelo, de quo cognoverat dictum: ‘Misi verbum suum et sanavit eos’ (Ps. 106: 20)...”.

Também tu, ó filha, toca com fé ao menos sua orla. Logo o fluxo das paixões mundanas que se transborda como uma torrente se secará pelo calor do Verbo Salvador; com a condição, contudo, de aproximar-te Dele com fé, se com a mesma devoção tocas, ao menos, a extremidade da orla da palavra divina, se tremendo te prostras aos pés do Senhor. (*Virgt.* 16.100)

De acordo com Dulaey (2007: 102), a coragem da hemorroíssa em se apresentar ao divino médico é também uma ocasião para Ambrósio ajudar seu público a superar a vergonha de acusar as próprias faltas e, assim, entrar na penitência canônica:

Quanta vero illa gratia, quod ea quae videri erubescibat, vitium tamen non erubuit confiteri! Noli ergo lapsus occulere tuos, fateri quod ille iam novit: noli erubescere quod non erubuerunt prophetae. Audi Hieremiam dicentem: ‘Sana me, Domine, et sanabor (Ierem. 17: 14). Sic et illa dixit, cum contingeret fimbriam: “Sana me, Domine, et sanabor: Salva me, Domine, et salvabor; quia gloria mea tu es” (Ierem. 17: 15); sola enim sana est, quam tu sanaveris. (*Virgt.* 16.101: 292)

Que coisa tão digna de admiração é o fato de aquela que se envergonhava de ser vista, e, contudo, não se envergonhou de confessar seu mal! Portanto, não ocultes teus pecados, confessa o que Ele já conhece, não te envergonhes do que não se envergonharam os profetas. Escuta Jeremias que diz: “Cura-me, Senhor, e serei curado” (Jer. 17: 14). Assim diz também aquela mulher quando tocou a orla: “Cura-me Senhor, e serei curada. Salva-me, Senhor, e serei salva, porque tu és minha glória” (Jer. 17: 15). De fato, só está sã aquela que tu curaste. (*Virgt.* 16.101)

Ainda com relação à confissão dos próprios pecados, Ambrósio recorda um princípio medicinal: o surgimento do antídoto a partir do veneno. Um bom exame de consciência e um arrependimento sincero movem o pecador a acusar suas próprias faltas, proporcionando-lhe uma rica experiência de misericórdia. Dessa forma, “o veneno é o pecado, o veneno é a injustiça. A confissão da própria culpa é o remédio para o erro. E justamente por isso, o remédio procede do veneno, se confessas tuas próprias injustiças para ser justificado” (*In Ps. XXXVII En.* 11).⁴¹

A confiança no Cristo Médico faz brotar o apelo para que Ele venha à humanidade sofredora. É como se Ambrósio suplicasse, não só em favor de si, mas também em nome de todo o povo a ele confiado: “Manda, portanto, ó Pai, este médico!” (*Exp. Ps. CXVIII* 3.23).⁴² Nesse sentido, Ambrósio estimula seu público: “Tens alguma ferida? Não perca tempo; Ele não adia em nenhum momento a cura. Tens alguma chaga? Não tenhas medo; ele costuma curar com a palavra, não com o bisturi” (*Exp. Ps. CXVIII* 19.2).⁴³ De fato, a certeza de que o divino médico haveria de vir aos enfermos para curar suas feridas e lhes prescrever remédios motiva os ouvintes a procurá-lo com assiduidade (*In Ps. XLVIII En.* 2).

De acordo com Ambrósio, a confiança do pecador em buscar a cura também resulta do poder ilimitado de Cristo de perdoar os pecados. Ele quer perdoar todas as culpas e quer purificar todos os homens. O caminho para levar todos à cura é a fé: o fiel toca Cristo com a fé, graças à qual será purificado e lhe será dada a libertação em virtude da força da divindade de Jesus. Se o fiel sente o peso do pecado, deve procurar

41 Ambrósio de Milão, *In Ps. XXXVII En.* 11: 145: “Venenum peccatum est, venenum iniquitas est; confessio sui criminis remedium prolapsionis est. Et ideo vere remedium de veneno est, si dicas iniquitates tuas, ut iustificeris”.

42 Ambrósio de Milão, *Exp. Ps. CXVIII* 3.23: 146: “Mitte ergo, pater, medicum istum”.

43 *Ibid.* 19.2: 286: “Habes vulnera? Ne differas; non est apud eum ulla conperendinatio sanitatis. Habes ulcera? Ne timeas; uerbo, non ferro curare consuevit”.

conhecer-se a si mesmo e encontrar o remédio da oração com a qual chama Cristo como médico para remover a ferida (Voprada 2016: 379).

Por outro lado, se alguém se recusa a se arrepender dos pecados, não encontra o Senhor bom e justo e não recebe o perdão (Voprada 2016: 381). De fato, Cristo é um médico que não força ninguém a ser curado:

Dominus Iesus [...] venit enim ut peccatum mundi tolleret, vulnera nostra curaret. Sed quia non omnes medicinam expetunt, sed plerique refugiunt, [...] ideo volentes curat, non astringit invitos. Accipiunt igitur sanitatem qui medicinam expetunt: illi autem qui refutant medicum nec requirunt, bonitatem medici quam non experiuntur, sentire non possunt. Qui autem curatur, etiam sanatur, ideoque his bonus est medicus, quos sanavit. (*De interpel.* IV.2.4: 839)

O Senhor Jesus [...] veio, de fato, para tirar o pecado do mundo e curar nossas feridas. Mas nem todos desejam o remédio e muitos o evitam. [...] Por esse motivo, Ele cura quem quer ser curado, não obriga os relutantes. Portanto, quem deseja o remédio recupera a saúde. Porém aqueles que resistem ao médico e não o procuram, não podem perceber a sua bondade, pois não a experimentam. Ora, quem é curado também recupera a saúde e, portanto, o médico é bom para aqueles a quem restaurou a saúde. (*De interpel.* IV.2.4)

No processo de cura, Ambrósio também recorda uma realidade prática da medicina, a saber, a obediência que o enfermo deve prestar ao médico. Este é encarregado de indicar o remédio necessário para a saúde. Porém, se o paciente usar algo não prescrito por ele, a enfermidade se agravará. Da mesma forma, seguindo o que Cristo determina, o pecador obterá a cura espiritual; do contrário, haverá danos (De virg. III.5.24). Por isso, o paciente não pode por conta própria trocar a medicação, mas em tudo seguir o que o médico divino orienta em vista da salvação, não importando quão custoso seja. De fato, “quem quer ser curado, está de acordo em tudo com o médico, obedece às suas ordens. [...] O remédio de Cristo é a repreensão; de fato, o Senhor corrige a quem quer se converter” (In Ps. XXXVII En. 56).⁴⁴

O episódio da cura da sogra de Pedro (Lc. 4: 38-39) oferece a Ambrósio a oportunidade de apresentar outra dimensão importante: a oração comunitária pelo enfermo. “Com efeito, você vê que uma pessoa culpada de um grande pecado está menos apta a orar por si mesma [...]. Então, que ela recorra a outros para que supliquem ao médico” (De vid. IX.55: 290).⁴⁵ No relato da cura do paralítico (Lc. 5: 17-26), o bispo de Milão retoma o mesmo princípio, uma vez que, naquela circunstância, o Senhor via a fé dos presentes: “o doente deve recorrer a intercessores que em favor dele pedirão a saúde: graças a eles, a ossatura deslocada da nossa vida e as pernas mancas das nossas ações serão restauradas pelo remédio da palavra celeste” (Exp. Luc. V.10).⁴⁶ Assim, a necessidade da intercessão de outros mostra mais uma vez a fragilidade do homem ferido pelo pecado. Em suma, quanto mais o ser humano toma consciência da própria situação de miséria, mais sente a necessidade de dirigir-se ao verdadeiro médico das almas, o único capaz de curá-lo de todo o mal (Bonato, 2000: 167).

⁴⁴ Ambrósio de Milão, *In Ps. XXXVII En.* 56: 181: “... qui curari velit, omni genere medico adquiescentem, adtende ordinem. [...] Medicina Christi, correptio est; corripit enim dominus quem vult convertere”.

⁴⁵ Ambrósio de Milão, *De vid.* IX.55: 251: “Videtis enim quod magno peccato obnoxia, minus idonea sit quae pro se precetur [...]. Adhibeat igitur ad medicum alios precatores”.

⁴⁶ Ambrósio de Milão, *Exp. Luc.* V.10: 186: “... aeger petendae precatores salutis debet adhibere, per quos nostrae uitae conpago resoluta actuumque nostrorum clauda vestigia verbi caelestis remedio reformatur”.

Considerações finais

A soteriologia sob a perspectiva medicinal encontrou amplo espaço na literatura patrística. Como testemunhas da ciência médica da época, os Padres se preocuparam em extrair desse conhecimento elementos válidos para a compreensão de temas teológicos (Passarella, 2004: 75). Ambrósio de Milão, como vimos, se insere nessa mesma tradição, procurando apontar elementos da prática médica que seriam úteis para enriquecer a vida espiritual de sua comunidade.

A tríade “médico-remédio-enfermo” foi o eixo do presente estudo. Esta visão de conjunto permite averiguar melhor como Ambrósio aborda a medicina divina na vida do fiel: Cristo, o médico divino, desceu dos céus trazendo o remédio da salvação para a humanidade enferma pelo pecado. A figura do Cristo Médico foi oportunamente enfatizada por Ambrósio, sobretudo numa época em que ainda grassava a heresia ariana. Com efeito, a recorrente afirmação do poder divino de Cristo de curar a humanidade era um dos meios que Ambrósio se servia para enfrentar aqueles que ainda não aceitavam a divindade de Jesus. Nesse sentido, o bispo de Milão também procurava consolidar a fé nicena em sua comunidade.

Os remédios deixados pelo divino Salvador –no caso deste artigo, a palavra, a eucaristia e a penitência– mostram como a medicina divina atua na vida eclesial. É como se Cristo tivesse deixado esses denários à hospedaria da Igreja para que ela prossiga sua missão de cuidar da humanidade doente. Como vimos, são remédios de fácil acesso a todos que desejarem sanar as feridas causadas pelo pecado.

Na última parte, vimos a postura do enfermo diante do médico e dos remédios espirituais. Ambrósio retoma o assunto em diversas ocasiões, demonstrando a importância de o pecador reconhecer a sua fragilidade e, sem demora, procurar o Cristo Médico que cura as enfermidades. O bispo de Milão, ainda, contribui com a dimensão comunitária da cura, ao recordar que outros membros podem rezar pela saúde espiritual do enfermo e, assim, ajudá-lo no processo de recuperação da graça divina perdida por causa do pecado.

O itinerário aqui realizado através dos tratados ambrosianos em relação à medicina divina apresentou um conjunto de metáforas médicas da encarnação, dos mistérios da Igreja e da vida espiritual. Nesse sentido, segundo Nicolae (2012: 26), os textos de Ambrósio –como dos demais Padres– precisam ser revisitados para restaurar o fresco r do diálogo entre a medicina e a fé. Esta relação não apenas implica a importância de recuperar a herança comum de palavras e de imagens, mas também a revitalização de uma ética da responsabilidade médica e espiritual, impulsionada, sobretudo por uma meditação mais profunda dedicada Àquele que se autodenomina Médico.

Bibliografia

Fontes

- » Ambrósio de Milão (1866). *De Virginitate*. En: *Opera omnia*. Migne, J-P. (PL 16).
- » Ambrósio de Milão (1882). *De interpellatione Iob et David*. En: *Opera omnia*. Migne, J-P. (PL 14).
- » Ambroise de Milan (1950). *Des Sacrements. Des mystères*. Ed. e trad. Botte, B. Cerf. (Sources Chrétiennes 25).
- » Ambroise de Milan (1956). *Traité sur l'Évangile de S. Luc* (Livres I-VI). Ed. e trad. Tissot, G. Cerf. (Sources Chrétiennes 45).
- » Ambroise de Milan (1958). *Traité sur l'Évangile de S. Luc* (Livres VII-X). Ed. e trad. Tissot, G. Cerf. (Sources Chrétiennes 52).
- » Ambroise de Milan (1971). *La pénitence*. Ed. e trad. Gryson, R. Cerf. (Sources Chrétiennes 179).
- » Ambrogio di Milano (1979). *I sei giorni della creazione*. Ed. e trad. Benterle, G. Biblioteca Ambrosiana - Città Nuova Editrice. (SAEMO 1).
- » Ambrogio di Milano (1984). *Il paradiso terrestre; Caino e Abele*. Ed. e trad. Siniscalco, P. Biblioteca Ambrosiana - Città Nuova Editrice. (SAEMO 2/I)
- » Ambrogio di Milano (1984). *La fede*. Ed. e trad. Moreschini, C. Biblioteca Ambrosiana - Città Nuova Editrice. (SAEMO 15).
- » Ambrogio di Milano (1985). *Elia e il digiuno; Naboth; Tobia*. Ed. e trad. Gori, F. Biblioteca Ambrosiana - Città Nuova Editrice. (SAEMO 6).
- » Ambrogio di Milano (1987). *Commento al Salmo CXVIII* (Lettere I-XI). Ed. e trad. Pizzolato, L. F. Biblioteca Ambrosiana - Città Nuova Editrice. (SAEMO 9).
- » Ambrogio di Milano (1987). *Commento al Salmo CXVIII* (Lettere XII-XXII). Ed. e trad. Pizzolato, L. F. Biblioteca Ambrosiana - Città Nuova Editrice. (SAEMO 10).
- » Ambrogio di Milano (1989). *Verginità e vedovanza*. Ed. e trad. Gori, F. Biblioteca Ambrosiana - Città Nuova Editrice. (SAEMO 14/1).
- » Ambrósio de Milão (1999). *Explanatio psalms XII*. Ed. Petschenig, M. Editio altera Zelzer, M. De Gruyter. (CSEL, 64).

Bibliografia complementar

- » Bernardo, B. (1988). "Simbolismo e tipologia do baptismo em Tertuliano e Santo Ambrósio", *Didaskalia* 18, 1-453.
- » Bonato, A. (1998). "Teologia e spiritualità dell'Eucaristia negli scritti di Sant'Ambrogio". En: Panimolle, S. A. (ed.). *L'Eucaristia nei Padri della Chiesa*. Borla, 207-260.
- » Bonato, A. (2000). "L'economia di Cristo Salvatore negli scritti di Ambrogio". En: Panimolle, S. A. (ed.). *Gesù Cristo nei Padri della Chiesa (IV-V secolo)*. Borla, 128-182.
- » Da Silva, L. M. P. (2021). *Eucaristia e Igreja em Santo Ambrósio de Milão*. Secretariado

Nacional de Liturgia.

- » Dulaey, M. (2007). "La guérison de l'hémorroïsse (Mt 9, 20-22) dans l'interprétation patristique et l'art paléochrétien", *Recherches augustinienes et patristiques* 35, 99-131. DOI: <https://doi.org/10.1484/J.RA.5.102372>.
- » Fernández, S. (1999). *Cristo médico, según Orígenes. la actividad médica como metáfora de la acción divina*. Institutum Patristicum Augustinianum.
- » Hernán Vázquez, S. (2018). "La figura del Cristo Médico y la acción terapéutica del gnóstico en Evagrio Póntico", *Veritas* 39, 113-135. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-92732018000100113>.
- » Johanny, R. (1956). *L'eucharistie: centre de l'histoire du salut chez Saint Ambroise de Milan*. Beauchesne.
- » Lombino, V. (2007). "Medico (Cristo)". En: Di Berardino, A. (ed.). *Nuovo dizionario patristico e di antichità cristiane*. Vol. 2 (F-O). Marietti, 3168-3181.
- » Nicolae, J. (2012). "'Christus praedicator/medicator': Homiletical, Patristic and Modern Elements of *theologia medicinalis*", *European Journal of Science and Theology* 8, 15-27.
- » Passarella, R. (2004). "Conoscenze mediche ambrosiane, ovvero la medicina nei Padri della Chiesa: questioni di metodo", *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Milano* 57, 69-91.
- » Pizzolato, L. F. (1978). *La dottrina esegetica di sant'Ambrogio*. Vita e Pensiero.
- » Piredda, A. M. (2007). "La valenza medico-psicologica di *tristitia* nel lessico penitenziale di Ambrogio", *Actas del VII Coloquio Internacional "Textos médicos latinos antiguos"*, 271-288.
- » Vogel, C. (2008). "Penitencia: Penitencia e riconciliazione". En: Di Berardino, A. (ed.). *Nuovo dizionario patristico e di antichità cristiane*. Vol. 3 (P-Z). Marietti, 4012-4017.
- » Voprada, D. (2016). *La mistagogia del commento al Salmo 118 di Sant'Ambrogio*. Institutum Patristicum Augustinianum.

